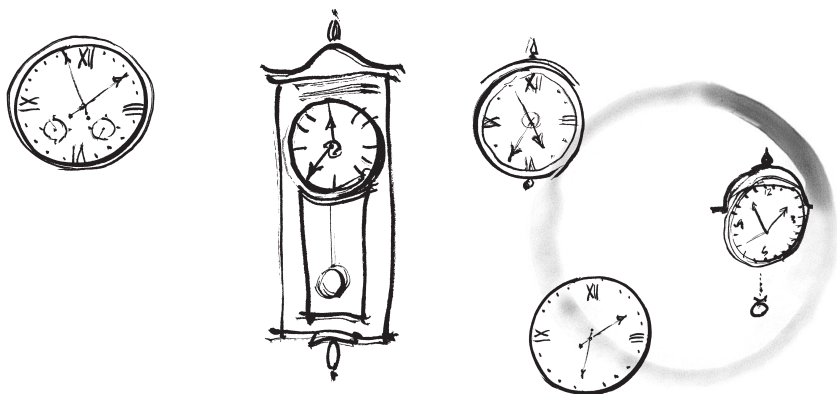
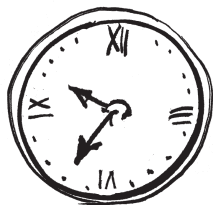


TOSHIKAZU KAWAGUCHI



# Antes que o Café esfrie. 2



*Tradução*

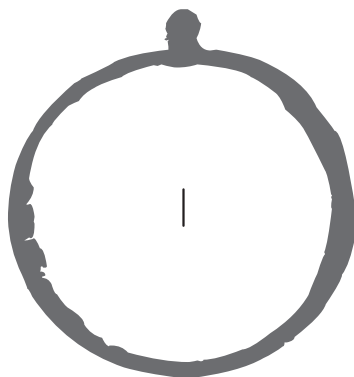
Jefferson José Teixeira

valentina

Rio de Janeiro, 2023

1ª Edição





## MELHOR AMIGO

Gotaro Chiba mente para a filha há vinte e dois anos.

“O mais difícil é viver sem mentir”, escreveu Fiodor Dostoiévski. Mente-se por diversas razões. Para parecer melhor do que se é ou com o intuito de ludibriar. Certas mentiras ferem, outras salvam. Na maioria dos casos, no entanto, quem mente se arrepende.

É assim também com Gotaro. Enquanto zanza de um lado para o outro em frente ao “café da viagem no tempo” há cerca de meia-hora, pensa na mentira que pregou e tenta se convencer, resmungando para si mesmo, de que “eu não menti por prazer”.

Esse café que permite voltar ao passado se situa a alguns minutos a pé da estação Jimbocho, no Centro de Tóquio, numa ruazinha cercada por prédios comerciais. Um pequeno letreiro indica o nome do estabelecimento: Funiculì Funiculà. Localizado no subsolo, não fosse essa placa a sua existência mal seria notada.

Gotaro desce a escada até uma enorme porta decorada com entalhes na madeira. Ainda resmungando, balança a cabeça,

dá meia-volta e torna a subir. Repete o movimento inúmeras vezes. Pensativo, para no meio do caminho.

– Que tal deixar para se afligir depois de entrar? – diz repentinamente uma voz no topo da escada.

Espantado, vira-se e dá de cara com uma mulher pequenina ali parada. Ela está usando blusa branca, colete preto e avental vinho. Deduz que se trata de uma funcionária do estabelecimento.

– Ah, sim, bem...

Enquanto Gotaro procura formular uma resposta, a mulher passa por ele a passos ligeiros.

## DING-DONG

O som da campainha ressoa quando ela entra no café.

Apesar de ter sugerido que Gotaro entrasse, não insistiu. Foi como se uma brisa tivesse soprado para lhe trazer calma. Deixado ali sozinho, ficou nele a estranha sensação de que ela havia conseguido enxergar o que se passava em seu coração.

Gotaro torna a subir e descer a escada, afinal não tem certeza se aquele é realmente o *tal* café. Está ali porque acreditou na história que um velho amigo um dia lhe contou, mas, se tudo é pura invencionice, só lhe restará passar vergonha.

Ainda que seja possível voltar no tempo, ele foi informado sobre as regras irritantes que precisará seguir. Uma delas é: *nada do que você fizer no passado poderá alterar o presente*.

Ao ouvir tal regra pela primeira vez, ele se questionou se haveria pessoas que, cientes dela, continuariam querendo viajar no tempo: “Se nada mudará...”, e o pensamento vai longe.

É esse Gotaro desconfiado que agora, desejando a qualquer custo voltar ao passado, está ali parado diante da porta.

Terá aquela mulher percebido o seu dilema? O mais razoável teria sido ela perguntar se ele desejava entrar. Entretanto, o que dissera foi: “Que tal deixar para se afligir depois de entrar?”

Em outras palavras: “É possível voltar ao passado, mas que tal decidir lá dentro se é isso mesmo que você deseja?”

Resta-lhe a dúvida de como ela pressentiu que ele foi até lá com essa finalidade. Isso lhe dá uma ponta de esperança. As palavras casuais serviram de estímulo para fazê-lo se decidir.

Quando dá por si, percebe que já está segurando a maçaneta e empurrando a porta.

## DING-DONG

Gotaro entra no café onde se diz ser possível voltar ao passado.



Gotaro Chiba, 51 anos. Por ter sido membro do time de rúgbi do colégio e da faculdade, sua compleição é robusta – até hoje usa ternos tamanho XXG. Vive com a filha Haruka, que está prestes a completar 23. Ele a criou sozinho e sempre disse a ela, desde pequenininha, que a mãe morrera de doença. É dono do restaurante Kamiya, estabelecimento modesto em Hachioji, na região da Grande Tóquio, que serve refeições à base de arroz, sopa e acompanhamentos. Haruka o ajuda.

Após entrar pela pesada porta de madeira maciça de mais de dois metros de altura, ele percorre um corredor que lembra o vestíbulo com chão de barro das ancestrais residências, tendo ao fundo um banheiro e, no meio, à direita, a entrada do café propriamente dito.

Ao atravessá-la, avista uma mulher sentada num dos três bancos altos do balcão, que logo grita para o cômodo dos fundos:

– Kazu... Cliente!

Ao lado dela está um menino com idade de aluno do primário e, na mesa ao fundo, uma mulher trajando um vestido branco de mangas curtas. De pele alvíssima e presença quase imperceptível, está lendo calmamente um livro.

– A garçonete acabou de voltar das compras. Sente-se, por favor, ela já vem te atender.

Embora a mulher esteja vendo Gotaro pela primeira vez, dirige-se a ele sem formalidades. Parece ser uma cliente habitual do café. Em silêncio, ele se limita a agradecer com um leve aceno de cabeça. Mesmo sentindo-se pouco à vontade com o olhar da mulher cuja feição parece lhe dizer: “Pode me perguntar o que quiser sobre este café”, ele finge não perceber, senta-se à mesa mais próxima da entrada e olha à volta.

Há três grandes relógios de parede antigos. Um ventilador de madeira, girando com lentidão, pende entre dois pilares de madeira marrom-escura. As paredes são cobertas por um reboco de argila da cor do *kinako* (farinha de soja integral torrada), com pátina de manchas escuras que se espalham por toda a superfície. Por estar situado no subsolo, o café não possui janelas e, iluminado apenas pelas luminárias com cúpula penduradas no teto e um única arandela perto da entrada, é meio sombrio, com um tom sépia tingindo por completo seu interior.

– Olá, seja bem-vindo!

Do cômodo dos fundos surge a mulher que pouco antes lhe dirigiu a palavra na escada, colocando diante dele um copo d’água.

Seu nome é Kazu Tokita. Seus cabelos, de comprimento médio, estão presos e, sobre a blusa branca com uma gravata-borboleta preta, está usando um colete e um avental vinho. Ela é a garçonete do Funiculì Funiculà.

Apesar do rosto bonitinho, da pele clara e dos olhos puxados em formato de amêndoa, suas feições não são, digamos, inesquecíveis. É o tipo de rosto que, quando alguém olha, fecha os

olhos e tenta lembrar o que viu, nada vem à mente. Em suma, passa despercebida. Está prestes a completar 29 anos.

– Ah, bem, aqui... é esse o café que... como dizer...

Gotaro parece perdido, sem saber como abordar o assunto de voltar ao passado. Kazu, que apenas observa, inexpressiva, a aparência confusa do freguês, pergunta:

– Para que ocasião no passado você deseja regressar?

Pode-se ouvir, vindo do fundo da cozinha, o suave som de café gorgolejando dentro do sifão.

*Realmente essa garçonete consegue ler o que vai no meu coração...*

O leve aroma se espalhando pelo ambiente traz de volta à mente de Gotaro as vívidas lembranças *daquele* dia.



Fora em frente a esse café que Shuichi Kamiya e Gotaro se reencontraram casualmente depois de sete anos sem se verem. Os dois tinham sido colegas no time de rúgbi da faculdade.

Na época, a empresa de um conhecido de Gotaro, da qual ele fora avalista, falira. Todos os seus bens pessoais foram arres-tados. Tendo perdido a própria casa e sem um tostão no bolso, fora obrigado a viver nas ruas. Suas roupas estavam imundas, e ele cheirava mal. No entanto, mesmo constatando o estado deplorável do amigo, em nenhum momento Shuichi expres-sara desconforto, mostrando-se alegre com o reencontro.

Shuichi convidara Gotaro a entrar no café, onde conver-saram por um tempo.

“Venha trabalhar no meu restaurante”, propusera ele.

Depois de se formar na faculdade, Shuichi, aproveitando seu talento no rúgbi, ingressara no time de um grupo empre-sarial de Osaka, mas, em menos de um ano, sofrera uma lesão

que pusera um ponto-final na sua carreira de atleta. Acabara indo trabalhar numa cadeia de restaurantes.

Eterno otimista, dera a volta por cima e, ralando duas ou três vezes mais que os outros funcionários, chegara a gerente de área, encarregado de sete lojas. Entretanto, quando se casara, decidira ter o próprio negócio. Em sociedade com a esposa, abrira um pequeno restaurante. O estabelecimento ia de vento em popa e ele precisava de pessoal, explicara a Gotaro.

“Você vai me ajudar se vier trabalhar comigo”, convidara.

Exaurido pela pobreza e tendo perdido até mesmo a vontade de viver, Gotaro concordara com um leve aceno de cabeça enquanto escorriam lágrimas de gratidão pelas palavras de Shuichi.

“Ótimo! Eu aceito!”

Inesperadamente, Shuichi se levantara, fazendo a cadeira ranger.

“Ah, e quero muito que você conheça a minha filha”, acrescentara sorridente e agradecido.

Gotaro, ainda solteiro, ficara surpreso ao saber que Shuichi já era pai.

“Filha?”, perguntara Gotaro, arregalando os olhos.

“Ah, ela acabou de nascer. É uma bonequinha!”

Shuichi parecia alegre com a reação de Gotaro. Pegara a conta e se dirigira, ansioso, ao caixa.

“Por favor, poderia cobrar?”

No caixa estava um rapaz, talvez estudante do ensino médio, de olhos bem puxados, não muito sociável, beirando os dois metros de altura.

“São 760 ienes.”

“Tire daqui, por favor.”

Jogadores de rúgbi, Gotaro e Shuichi tinham uma complexão bem maior do que a média. Vendo alguém mais alto do que eles, entreolharam-se e riram, provavelmente por

estarem pensando a mesma coisa: *Caramba, o físico desse cara é de quem nasceu pra jogar rúgbi!*

“Seu troco.”

Shuichi pegara o dinheiro da mão do rapaz e se dirigira à saída.

Pouco antes de se tornar um sem-teto, Gotaro recebera de herança do pai uma empresa com faturamento anual acima de cem milhões de ienes e levava uma vida luxuosa.

Tinha um temperamento sério, era um homem digno, mas o dinheiro muda as pessoas. Tornara-se orgulhoso, esbanjador e, em determinado momento, convencera-se de que o dinheiro podia comprar tudo. No entanto, quando a empresa do amigo da qual era avalista falira, a dele acabara indo pelo mesmo caminho devido às vultosas dívidas contraídas.

Na época, quando o dinheiro acabara, todos à sua volta começaram a lhe virar as costas. Até mesmo aqueles que ele considerava amigos se afastaram. Um deles lhe dissera, na cara, que um pobretão como ele não lhe servia para nada.

Apesar disso, Gotaro, que perdera tudo, era para Shuichi alguém importante.

Raras são as pessoas que conseguem agir com generosidade e altruísmo para com aqueles que atravessam dificuldades. Shuichi Kamiya era uma delas. Ao saírem do café, Gotaro decidira, sem vacilar: “Ainda vou retribuir a bondade do amigo!”

## DING-DONG

— Isso aconteceu há vinte e dois anos.

Gotaro Chiba pega o copo à sua frente, molha a boca seca e suspira. Não parece ter 51 anos, apesar dos cabelos grisalhos que se destacam aqui e ali.

— E foi assim que comecei a trabalhar com empenho para Shuichi, procurando aprender as tarefas o mais depressa que